



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**IBRAIM GONÇALVES**

**(depoimento)**

**2003**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-20

**Entrevistado:** Ibraim Gonçalves

**Nascimento:** Não informado

**Local da entrevista:** Porto Alegre/RS

**Entrevistadores:** Berenice Machado Rolim e Júlio César Perciúncula

**Data da entrevista:** 28/01/2003

**Transcrição:** Letícia Baldasso Moraes

**Conferência Fidelidade:** Marco de Carvalho

**Copidesque:** Marco de Carvalho

**Pesquisa:** Marco de Carvalho

**Fitas:** (01 fita) 20/01-A e 20/01-B

**Total de gravação:** 40 minutos

**Páginas Digitadas:** 12

**Catálogo:** Vera Maria Sperandio Rangel

**Número de registro:** 02122/2010/01

**Nº da fita:** 02122/2010/01

**Observações:**

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

GONÇALVES, Ibraim. *Ibraim Gonçalves (depoimento, 2003)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2010.

## **Sumário**

Início do envolvimento com a prática esportiva: kart, automobilismo, motociclismo, ciclismo; envolvimento esportivo amador; envolvimento com clubes, federações: cargos que desempenhou, período como dirigente; fatos históricos frente à Federação de Automobilismo; influências do profissionalismo nos dirigentes; ligas esportivas.

Porto Alegre, 28 de janeiro de 2003. Entrevista com o Ibraim Gonçalves, a cargo dos pesquisadores Berenice Machado Rolim e Júlio César para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

B.R. – Então seu Ibraim, queria que o senhor nos contasse um pouco da sua história de vida; as influências da prática esportiva... O que o levou a entrar nessas práticas? Amigos, familiares, individual, como foi esse início no esporte?

I.G. – A minha entrada real no esporte foi exatamente em 1962 e se deve muito ligada a um lado profissional da minha vida. Se eu, por formação na minha terra, Rio Grande<sup>1</sup>, me formei torneiro mecânico, que se diz hoje uma profissão valorizada, porque nosso presidente é torneiro mecânico, e eu ia a Porto Alegre<sup>2</sup> pela minha profissão e em Porto Alegre instalei uma empresa, uma torneria e trabalhando nessa torneria iam aparecendo clientes. Começaram a aparecer alguns clientes querendo tornear rodas de kart, e depois veio um eixo e depois veio... E começamos a chegar num estado... Ditamente comigo esse grupo, eu o [palavra inaudível] fizemos o primeiro kart no estado. Isso lá por volta de 60, 59. E, nesse período, como eu trabalhava para vários clientes ligados ao kart, exatamente em 1962, o então diretor de kart do automóvel do Rio Grande do Sul - na época não existia a Federação Gaúcha de Automobilismo - o Roberto Giordano<sup>3</sup> ameaçou demitir-se se as equipes de kart não levassem cada equipe uma pessoa para auxiliá-lo. Corrida de rua ainda, nem pensava em ter... Não tinha kartódromo ainda. Algumas dessas equipes que eram meus clientes me convidaram: “Vamos lá ser bandeirinha nas corridas de kart!”. Aí iniciou minha entrada no esporte como bandeirinha de kart. E, daí para cá, na época o presidente do automóvel clube, o agora falecido Pedro Carneiro Pereira que foi um grande piloto, um grande publicitário, um radialista, uma pessoa que a geração essa... E desde aquela época até hoje, eu passei como dirigente, depois fui atleta, mas daí corria de bicicleta, corria de moto, na realidade passei a fazer até hoje o esporte, dirigi várias federações e hoje sou presidente da Associação das Federações Esportivas. Então, por incrível que pareça, eu cheguei ao ponto de hoje, aos 68 anos, depois desses 40 anos de convívio esportivo exatamente como dirigente.

---

<sup>1</sup> Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

<sup>2</sup> Capital do Estado do Rio Grande do Sul

B.R. – E quando o senhor passou a ser atleta, como foi esse ingresso? Foi através de algum clube, associação, escola...?

I.G. – Nem tanto. Já mais ligado ao esporte, as federações e a clubes, numa necessidade de equipe até, eu participei dumas provas de ciclismo, de algumas provas de motociclismo, já presidi até a federação de motociclismo. E também de karts, [palavra inaudível] em Gravata<sup>4</sup>, foi aonde eu fiz minha primeira prova de karts como [palavra inaudível] umas duas horas. Então, a emoção como atleta foi pequena, porque vamos admitir, a minha vida foi 99% do envolvimento do esporte até hoje foi basicamente como dirigente. Como dirigente *de* federação. Só uma única vez dirigente de clube, em 1968 como vice-presidente do Glória Tênis Clube<sup>5</sup>, que já não existe mais e, no futebol de salão, fizemos um sucesso lá em Porto Alegre.

B.R. – E teu pertencimento a clubes seria só no Glória mesmo?

I.G. – Exatamente. Convivência de dirigente foi no Glória Tênis Clube. Eu sou sócio da SOGIPA<sup>6</sup>, fui sócio do Gaúcho<sup>7</sup>, *sou* sócio do Gaúcho, fui sócio do Teresópolis<sup>8</sup>, mas em nenhum clube eu atuei como atleta. Então hoje, muita gente... Por esses anos que eu presidi as federações e a gente nasce um dirigente, é um ex-atleta que muitas vezes é um familiar ou pai de um atleta, e muitas vezes, pela federação não ter uma seqüência de dirigente, o pai do atleta assume aquela federação para que o esporte não pare. Isso já aconteceu alguns anos atrás. Hoje já não temos mais... Hoje o profissionalismo já está grande. E é necessário esse profissionalismo. Na época, para não pararem a federação, o pai de um atleta acabava por ser dirigente.

B.R. – O senhor poderia nos contar um pouco da história dessas federações? Como elas foram se formando, como o senhor se envolveu nas dirigências? Como é que era, era difícil? Como funcionava? Como é a história das federações?

---

<sup>3</sup> Nome sujeito à confirmação

<sup>4</sup> Cidade da região metropolitana de Porto Alegre

<sup>5</sup> Nome sujeito à confirmação

<sup>6</sup> Sociedade de Ginástica Porto Alegre - Fundada como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica) em 1867. Passa a se chamar Sociedade de Ginástica Porto Alegre em 1942.

<sup>7</sup> Grêmio Náutico Gaúcho, fundado em 1928.

<sup>8</sup> Teresópolis Tênis Clube, fundado em 31 de maio de 1944

I.G. – As federações são federações de mais de cem anos. A nossa do ciclismo - sou vice-presidente -, mas não tenho um envolvimento muito grande porque o presidente Rogério<sup>9</sup> faz um trabalho muito bom. Ele tem a minha idade. Eu nasci em 1935 e ele nasceu em 1934. Então essas federações têm a sua vida própria. Agora, a vida de uma federação é bem mais difícil do que a vida de um clube porque o clube tem uma formação já mais ligada ao pessoal que criou o clube praticamente. Já uma federação esportiva que ela é nada mais que a junção dos clubes, para ter uma federação de qualquer modalidade esportiva tem que ter três clubes senão não nasce uma federação. E assim elas foram nascendo. Então cada uma tem sua característica. Elas vivem até hoje por razões de agregações de dirigentes e hoje, como disse ainda pouco, o profissionalismo está muito grande e é necessário. Então hoje os dirigentes das federações quem seja remunerado... Em um dos estatutos que já foi aprovado, o presidente, o diretor técnico e muitas vezes o vice-diretor técnico tem que ter uma remuneração. Porque hoje já não podemos mais cuidar duma federação como *eu* fazia pelos outros, na época que nós tínhamos que largar empresa, largar os empregados para se dedicar. Hoje há uma necessidade quase que em tempo integral para que os *grandes* esportes, que estão vindo muito, podem analisar todos eles, os presidentes dão seu expediente integral. De alguma forma são profissionais [palavra inaudível] e é necessário isso.

B.R. – Então antigamente era amadorismo?

I.G. – O amadorismo de ontem existe hoje. Tem muitas federações que passam por muitas dificuldades. Nessa pesquisa que vocês estão fazendo que vão passar por muitas federações, vocês vão achar federações que não tem patrocínio, mas que, mesmo assim, tem milhões... Mas as que mais andam, as que mais progridem, as que mais têm fôlego são aquelas que tem o seu [palavra inaudível] para trabalhar, apesar do [palavra inaudível] estar ameaçado. Eu não acredito. Jamais... O atual ministro está tentando mudar. Mas vai mudar para melhor. Então, hoje as federações que estão com vida própria e muito bem, são as que tem [palavra inaudível]. São em média doze, quatorze, dezesseis no máximo. As demais lutam com *muita* dificuldade. Um presidente como eu porta bandeira do [palavra inaudível]. Então hoje, como você pediu, há necessidade de

---

<sup>9</sup> Nome sujeito à confirmação

[palavra inaudível]. Com o tempo tem que haver a mudança da lei porque antigamente a lei não permitia um dirigente ser remunerado. Hoje não é que ela permita, ela permite que se você fizer, depois que terminou a lei Pelé e nasceu a lei de Zico e veio essas mudanças todas, foi extinto o CND<sup>10</sup>, nos estados tem o CRD<sup>11</sup>. Eu ainda sou o conselheiro... Tem uma fiscalização dos CND's e dos CRD's que não poderiam dirigentes serem remunerados. Hoje os estatutos são livres de cada modalidade esportiva, ou seja, quem manda nos esportes hoje, cabe à federação. Cada modalidade. E a sua federação é a sua confederação. Antigamente a intervenção de uma confederação em uma federação... Eu já fui interventor em uma época, hoje não tem mais intervenção do governo. O governo não pode intervir. Só por uma medida provisória ele consegue intervir *num futebol*. No caso, todo mundo conhece as barbaridades que houve *já*. Não tem *maneira*. Então já na época tinha. Então hoje pode-se mudar um estatuto, são estatutos que mandam no esporte, são os clubes da federação e as federações do clube. O que o estatuto está escrito que foi aprovado pela assembleia, dos clubes na federação, nas federações na confederação já está. Se pôs ali no caso das federações, o presidente pode receber dez salários mínimos, ou um salário, não tem lei nenhuma ou coisa parecida que proíba. Isso é muito bom [silêncio].

B.R. – Eu queria que o senhor nos contasse coisas mais antigas, alguma coisa pitoresca da formação das confederações, alguma coisa que aconteceu no passado que foi marcante para o senhor como dirigente.

I.G. – Das confederações te digo honestamente, não vou te dizer que não participei. Ajudei em coisas que queríamos em 1992 e em 1996 ajudamos a criar algumas federações. Mas não tem nenhuma passagem... Tem *várias* passagens daquele esporte que eu participei. Que eu participei não, que eu ajudei. E que eu ajudo até hoje. Comecei com o kart depois passei para o motociclismo, depois fui para o automobilismo, que foi um grande envolvimento da minha vida. Inclusive deu rumo ao meu [palavra inaudível]. Eu era tão envolvido no automobilismo que viajando por esse país fora, não tiro a razão da então esposa ter pedido a separação. Mas o automobilismo, desde a criação de

---

<sup>10</sup> Conselho Nacional de Desportos

<sup>11</sup> Conselho Regional de Desportos

Tarumã<sup>12</sup>, desde a criação do kartódromo, do autódromo da época do Dudu Menegheti, tem passagens assim que até a gente teria que refrescar a memória para lembrar. Eu diria apenas uma: lembraria que me chamavam muito de autoritário. Eu era autoritário. Sou autoritário. Porque eu digo que assim: “Regulamento no esporte é para ser cumprido e não para ser burlado”. Digo o seguinte: Breno Fornari [palavra inaudível] de umas mil milhas em um [palavra inaudível]. Início das mil milhas numas seis horas de Pelotas<sup>13</sup>, quando eu era diretor técnico já da federação de automobilismo, todas as competições antigamente tinham um regulamento. Mas no automobilismo tinha uma assim: não pode ter a volta recortada. Não pode ter a surdina assim. Então tinha um regulamento exatamente sobre escapamento e surdinas que dizia que tinha que ter um percurso ‘X’. Então eu não dei condição para seis carros participarem. Foi uma loucura. Aonde desses seis uns deles era o Breno Fornari que tinha vindo de campeão das mil milhas. E como na madrugada nós examinamos, demos até as sete horas da manhã, a corrida começava as nove, todos cinco voltaram para dentro do regulamento. O Breno Fornari não veio e não largou. Bah! Chamaram-me de louco na época. Porque Breno Fornari era um campeão brasileiro. Mas não tem nada. Regulamento não é justamente para os *pequenos* participantes. É para todos. E assim como essa, tem tantas. E eu agora, nesse momento até nem me lembraria direito. Há outras semelhantes. Mas o automobilismo [palavra inaudível] quando eu vivi praticamente a metade [palavra inaudível] em Santa Catarina<sup>14</sup>. Não tinha publico nem federação. Já antes da federação gaúcha [palavra inaudível] o automóvel [palavra inaudível] já fazia as corridas de lá. O *mesmo* carro. E o diretor [palavra inaudível], um patrocinador da prova, chamada ‘cinca’, tinha ‘cinca’ [palavra inaudível], ‘cinca presidente’ e a ‘cinca’, por exemplo, podia competir naquela época. E o patrocinador escreveu uma ‘cinca presidente’. Não pode correr. Não correu mesmo. Então, isso é o que eu sempre procurei dar exemplo nas palestras que eu dava: “Regulamento é para ser cumprido”. Outra coisa que eu digo muito também é que autoridade, isso eu aprendi muito com o Henrique Licht<sup>15</sup>, que vocês já entrevistaram, não é? Ele diz o seguinte: “Horário de competição. Você marcou uma competição às nove horas da manhã, tem que iniciar. Ter o hino nacional, não tem problema. Se você

---

<sup>12</sup> Autódromo Internacional de Tarumã, inaugurado em 8 de novembro de 1970, na cidade de Viamão.

<sup>13</sup> Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

<sup>14</sup> Estado Brasileiro

<sup>15</sup> Henrique Felipe Bonnet Licht

convidou o governador ou o prefeito da República, naquele momento hastear a bandeira para dar início, naquele momento se ele está presente ou não, tem que iniciar”. Eu aprendi com ele isso e transmiti até hoje e sempre digo: “Autoridade tem que aprender que ela foi convidada para estar presente naquele horário e não para...”. Quantos governadores não deixamos pendurados? Chegava meia hora depois e já tinha iniciado. Isto é a realidade. Muitos dirigentes já tiveram que esperar por duas horas por *um* vice governador. Isso não pode e *não* deve acontecer. Nós temos um regulamento, temos normas para serem cumpridas. Não podemos mudá-la porque aquela autoridade não conseguiu chegar. Isso é a minha opinião e de muita gente do esporte. Tem muitos casos. E como é gostoso a gente lembrar essas coisas.

B.R. – Então... A sua visão sobre a estruturação do esporte em Porto Alegre e no Rio Grande Do Sul... Como o senhor vê essa estruturação?

I.G. – A estruturação já está sendo mudada no pensamento dos dirigentes. Isso é muito bom. Eu, mesmo sendo do tempo do amadorismo ainda, avancei porque eu transmito também essa realidade de hoje que partimos para o profissionalismo. Os clubes também. Os clubes conseguem sobreviver porque são grandes empresas. Mesmo sendo o dirigente de uma SOGIPA ou um União<sup>16</sup>, ele tem dificuldade. Por isso que eles têm um status muito grande. E, se o presidente fosse pago, seria mais barato para o clube se ele tivesse fazendo pago, do que ter uma meia dúzia de gerentes. Isso com o tempo quem sabe vai acontecer. Então, no esporte hoje, a evolução está muito grande em termos de confederação. Tem as mesmas dificuldades de dez, quinze, trinta anos atrás, isso tem. Ninguém vai resolver o problema 100%. Não resolve hoje, não vai resolver amanhã. Vai ter sempre as federações mais carentes, vai ter sempre as federações dos clubes fortes. Porque muitas vezes é pela dedicação da diretoria. Sempre comandada por um presidente. A *dinâmica* de um presidente de uma entidade faz com que siga aquele fluxo de uma coisa muito importante. E se um presidente é inoperante, para a diretoria também não [palavra inaudível].

---

<sup>16</sup> Grêmio Náutico União - Originário do Ruder-Verein Freundschaft (Sociedade de Regatas Amizade) fundado em 1906. Em 29 de abril de 1917 passa a se chamar Grêmio Náutico União.

B.R. – E assim... Quais foram as pioneiras? Quais que começaram? Quais foram as primeiras federações?

I.G. – Olha... Ai só vendo a história... O que eu me lembro a natação é centenária, tem federações com noventa anos.. Eu vou te fornecer depois, eu tenho algumas anotações de várias federações. Vocês vão notar depois [palavra inaudível] das que eu tenho, podemos pesquisar. Como eu presido hoje a associação, vou fazer um pedido para as que eu não tenho para nós fazermos um cadastro nesse banco de vocês para termos ali desde a mais antiga até a mais recente. Comprometo-me a trabalhar para isso.

B.R. – Está bom, muito obrigada! E assim... O senhor teria alguma colocação mais pessoal de alguma coisa que o senhor quisesse comentar?

I.G. – Pessoal, eu diria que é aquilo que me baseio sempre que é a *dedicação* em cima do esporte. Os dirigentes que não se dedicarem totalmente para aquilo, para aquele esporte, para aquela modalidade na qual ele está envolvido, tenha sido ele de origem atleta ou não é difícil aquela entidade, ou seja, federação, mais no caso federação, os clubes já tem uma estrutura bem diferente, as federações são um pouco mais difíceis porque não é... Trabalhar com os clubes. Trabalha o secretário, para depois tesoureiro depois pode ser presidente... Não tem muita gente. Nas federações e os clubes, vamos dizer não tem muita concorrência, oposição.

B.R. – E quanto às *ligas*... O que o senhor tem a dizer?

I.G. – Pela nova lei, de alguns anos atrás, as ligas hoje estão  *muito*, vamos dizer... Está meio autônoma, autônomas. Mas *sempre* ligada àquela confederação. Fecha novamente com aquilo que eu disse ontem: se antes que há um estatuto de uma federação, de uma confederação e a lei mata o esporte. Uma liga de esportes, qualquer uma delas, só pode existir a nível nacional, a nível estadual, municipal, se aquela entidade *máxima* permitir que aconteça. Vocês devem ter acompanhado que até hoje não saiu a liga do futebol. Por quê? Porque a federação não permite nascer uma concorrente para ela. *Já é* uma concorrente. Há um acordo formal de trabalho nisso aí. E o futebol não consegue, de tanta vaidade, de tanta ambição política e financeira, que vai se formar a terceira

corrente. Tem a CBF<sup>17</sup>, tem o clube dos treze e essa liga não consegue. Por quê? Porque a CBF não permite, porque vai ser concorrente. E os clubes, de uma forma ou de outra, vão ficar [palavra inaudível]. Antigamente tínhamos a liga de ecléticas, em um município, não tinham as federações, uma liga representava vários esportes na capital. Então hoje não é tão atuante as ligas como eram antigamente, mas hoje tem um trabalho muito bom nas ligas também.

B.R. – E como as ligas trabalhavam antigamente?

I.G. – Elas eram ecléticas. Então em um município, vamos pegar... Bagé<sup>18</sup>. Que não tinha basquete, não tinha clube de vôlei, não tinha clube de ciclismo, de damas... Então tinha uma liga eclética que naquela liga se ficava cinco, seis, dez, doze, vinte esportes. E *aquela* liga que ia representar em cada federação aquela modalidade. Por isso é que... Nos municípios tem uma liga *só* para o ciclismo, uma liga *só*... O maior exemplo é a bocha e o bolão. Porque são as duas federações maiores em filiações a número de atletas e número de clubes. É uma loucura. Eu sou do tribunal da bocha e parece que tem mais de vinte mil atletas filiados a bocha, em mais de 600.800 clubes. *Aí* funciona *muito* bem as ligas. Vai ter oitocentos clubes para vir a Porto Alegre para uma reunião, então as ligas por regiões também é um trabalho bastante... E houve muitas modificações para melhor.

B.R. – Então tá. E o senhor teria outras pessoas que o senhor possa nos indicar que julgue importantes? Para a história?

I.G. – Tem tanta gente... Teria que mandar um feedback [trecho inaudível]. Essas pessoas que eu citei agora a pouco, antes da entrevista, que eu almejei há muitos anos atrás, que transmito a vocês o estudo não só desse caso, não só dessa colaboração minha, mas que vocês estão buscando entrevistar as pessoas mais antigas que tem mais possibilidade de fazer seu pensamento, é óbvio. Mas, quando eu presidia o CRD, eu tentei naquele governo fazer um livro deles. Buscar as pessoas, gravar, como está sendo feito hoje, mas não tive forma. Naquele governo não tive forma particularmente e não

---

<sup>17</sup> Confederação Brasileira de Futebol

<sup>18</sup> Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

tive apoio... E hoje estou vendo que estas pesquisas que vocês estão fazendo ela pode se tornar em um grande livro. Não só um bando de dados, mas em um grande livro a ser publicado pelo estado. Porque todas as pessoas, nós somos uns setenta e oito federações. Podemos buscar um mais em cada federação, não *só* na atualidade, mas ainda, vamos dizer, o ontem. Porque o ontem não pode ser esquecido. Eu não digo passado, eu digo ontem. Então o futuro vem aí, obviamente, mas o ontem não pode ser esquecido e essas pessoas do *ontem* é que tem que registrar *hoje* para o futuro de amanhã. E eu estou pronto para colaborar, vou fazer um trabalho em conjunto com a [palavra inaudível], buscar, levando inclusive esse trabalho da universidade. Uma associação com associação dá certo...

[FINAL DA FITA 20/01-A]

B.R. – O senhor diz que quer fazer uma...

I.G. – Eu proponho, vamos dizer... Se fazer um trabalho e juntar *todas* as federações para buscar em cada federação a história de *cada* uma. Que *cada* uma conte por escrito entendeu? Para se buscar e gravar e ter nesse banco de dados da ESEF<sup>19</sup>. É muito interessante.

B.R. – O senhor poderia nos dizer o que é o conceito do esporte para o senhor?

I.G. – O conceito do esporte para mim é tudo na vida. Eu acredito que as pessoas que não são envolvidas no esporte, que são [palavra inaudível], cada um tem a sua vida. Mas eu que vivo disso, dos meus sessenta e oito anos, quarenta e quatro envolvidos no esporte, acho a coisa mais fenomenal, mais importante. A minha vida *não* passa no dia-a-dia sem estar alguma coisa relacionada ao esporte. Iniciei em 1962 e até hoje não passei um dia, um mês ou um ano sem estar envolvido no esporte. E assim como eu, quanta gente está assim. Então veja como é fundamental nós transmitirmos isso para nossa juventude. Meu filho foi campeão de kart, meu neto é campeão de kart, meu filho foi campeão do ciclismo... Enfim todos nós temos que transmitir àqueles que estão ligados a nós e aqueles outros tantos que a gente tem chance de chegar à juventude, que o esporte é a coisa mais importante que tem,

como saúde, lazer, recreação e principalmente arejar a mente. Que é a coisa mais espetacular é a gente estar ligado ao esporte.

B.R. – O senhor poderia nos dar mais nomes então? Lembrou de mais alguém que a gente possa...

I.G. – Mesmo que eu não te dê nessa gravação, mas nós vamos anotar... Eu vou fazer anotações de pessoas. Que agora na hora que você quer, um computador quando quer, ele falha às vezes. E o meu tá falhando e não estou buscando pessoas. Não pessoas, vamos dizer, idosas, mas do ontem, que terão muita coisa boa, mas eu vou fazer uma relação e vou passar para vocês. Pode ter certeza.

B.R. – E só um relato sobre a presença da mulher no esporte no estado... O que o senhor tem a dizer?

I.G. – Eu acho isso muito importante. A mulher no esporte é tão importante como o próprio homem. Passaram-se tantos anos que a mulher tinha dificuldade em encarar o esporte, mas depois que elas tiveram liberdade de poder, vamos dizer, se apresentar, houve tantos destaques, tantos recordes, tantos... Até que as mulheres superaram. É muito importante a presença delas, mas eu nunca fui do machismo. Eu li até há poucos dias, recentemente na brigada militar o problema que está acontecendo. Que as oficiais não podem passar de capitão. O machismo do homem não pode acontecer no esporte, nunca houve, não vai haver com certeza e as mulheres presidentes de federações, de confederações, eu acho que a participação delas como atletas, como dirigentes é muito importante. Porque o homem e a mulher fazem o mundo. E o mundo tem que viver com os dois.

B.R. – E quanto à vida social? Você acredita que a renda faça diferença ou não na prática do esporte?

I.G. – Faz muita diferença. Lamentavelmente faz *muita* diferença. Mas *não* impede de que aquela jovem de pouca renda faça. Porque quando ele é um atleta *nato*, quando ele tem a

---

<sup>19</sup> Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

tendência por natureza, ele desponta, com ou sem recurso. Mais fácil no futebol isso, já nas outras modalidades o ciclismo mesmo, o motociclismo, o automobilismo, no arco e flecha depende do atleta comprar o seu material. Aí realmente... No hipismo... Isso é difícil. Mas não impede de que hoje com essas parcerias que é feito entre prefeituras municipais do estado e confederações onde tem escolinha de vela, tem escolinha de ciclismo, enfim, todas as escolinhas buscam essas pessoas. Esses jovens tendo, vamos dizer, o potencial ele *hoje* tem chance de partir [trecho inaudível]. Porque depois que você tiver participado, você vai ter que ser [palavra inaudível]. Mas hoje tem a chance, como eu disse agora há pouco, hoje tem uma escola de vela, tem uma escola de ciclismo. Então as escolinhas que estão por aí que dão chance para os garotos de pouca posse se destacar naquela modalidade. E sempre vai pesar o fator financeiro. Isso é uma coisa contra a força financeira ninguém pode ter um equipamento melhor. O melhor é o melhor sempre.

B.R. – E o senhor acha que existe uma diferença entre o melhor atleta e o melhor equipado?

I.G. – Não. Não existe o melhor atleta. O equipamento existe. Mas se o atleta é bom, ele muitas vezes, ter competir, ter um equipamento bom, principalmente aquele que tem um equipamento bom não é um bom atleta. Aí se equipara. O bom atleta com um equipamento difícil e um atleta médio com um bom equipamento. Muitas vezes ele é superado.

B.R. – E quanto ao jovem que não tem potencial atlético assim... Qual seria o benefício do esporte para ele?

I.G. – O benefício para ele é viver uma vida diferente na sociedade. Aquele garoto de vila que nunca pensou de um dia entrar em um clube ou em um centro comunitário, ele fazendo uma modalidade esportiva e tendo aquele destaque natural, ele vai participar de um clube, vai entrar em uma vida social, vai passar a conhecer aquilo que ele não imaginava conhecer, que no círculo de amizade do colégio. Que no colégio os garotos conhecem todos os níveis, mas é só no colégio. Já em um esporte, ele partindo para a vida esportiva em um clube, eles não fazem nenhuma objeção ao nível social. Os clubes, a SOGIPA, o União, o Gaúcho, fazem as escolinhas, buscam nas vilas aqueles garotos para praticarem, para serem sócios. Para ver a importância do esporte, estar buscando na classe média, na

classe baixa a busca do talento. Dar chance para irem e aqueles com talento se instalam. Com certeza.

B.R. – E independente daquele que não tem talento no esporte não competitivo... Qual é a sua visão de um esporte que não é para competir?

I.G. – Ele dá para si um novo conhecimento da vida. Mesmo que ele não seja um atleta nato, ele passa a ter uma convivência naquele clube que ele teve chance de entrar. Veja só, muito jovem tem chance de entrar, não só pelos clubes, como pelas confederações, porque se alguns estão buscando pela periferia, pelas vilas, esse membro que não se destaca ele tem a sua visão, para a sua formação futura já uma base muito importante que ele está vivendo dentro daquele clube, daquele esporte. E vendo a coisa é bem melhor praticando esporte.

B.R. – Olha seu Ibrain, quanto às perguntas a gente já está satisfeito. O senhor gostaria de deixar alguma mensagem, alguma coisa que o senhor quisesse nos dizer que a gente não abordou?

I.G. – Olha... Eu acho que vocês estão no caminho certo, no caminho correto nesta busca. E desejo todo o sucesso, que amplie mesmo, e eu, pela nossa associação, pomos a disposição para ampliarmos o trabalho. Servir de colaborador de uma parceria de todas as federações. Eu não estou de férias. Eu estou nesse verão, eu não começo aqui e estou fazendo um comércio na praia. Venho a Porto Alegre na terça e na quarta e até março vai ser essa a minha vida. Dois dias de Porto Alegre e os demais, *não veraneando*, trabalhando numa sorveteria que eu montei na praia. Até porque a vida está difícil hoje. Tem que melhorar o nível de vida e melhorar sua parte financeira. E mesmo na minha idade o dinheiro faz falta.

B.R. – Então está bom. A gente te agradece em nome do CEME<sup>20</sup>, muito obrigada pela sua participação, muito importante.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

---

<sup>20</sup> Centro de Memória do Esporte